

A educação e seus reflexos na divisão social do trabalho

Aurenice da Mota Teixeira- UERJ/UNIMONTES

Resumo: Karl Max, um dos maiores pensadores de todos os tempos, tem uma influência reflexiva e prática no campo da educação. A educação era vista por Marx como um instrumento de manutenção e reprodução de uma estrutura social que se beneficiava do pouco estudo e da capacidade reflexiva das pessoas, chamadas por ele de proletariado. A divisão social do trabalho tem sido objeto de estudo ao longo da história como o tema de maior reflexão da sociologia, momento a partir do qual o indivíduo enquanto ator social se destaca da análise de grupos indiferentes, passando a ser analisado enquanto pessoa inter-relacional. Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber viam a era moderna em estado de crise e passam a analisá-la sob perspectivas diferentes. Tanto para Marx quanto para Durkheim, a era moderna apesar de turbulenta, apresentava perspectiva de desenvolvimento social. Para Durkheim, a expansão posterior do industrialismo desencadearia uma vida social harmoniosa através da justaposição da divisão social do trabalho e do individualismo moral. Marx via a luta de classes como um problema, mas acreditava na emergência de um sistema social mais justo e mais humano. Já Weber via um mundo paradoxal em que a emergência do progresso advinha da expansão da burocracia que abafava a criatividade e a autonomia individual.

Objetiva este trabalho analisar as implicações do processo educacional na divisão social do trabalho tendo em vista três maiores autores clássicos da sociologia: Durkheim, Marx e Weber. Para tanto, vale-se da pesquisa bibliográfica como técnica de pesquisa e do método dedutivo.

Palavras - chave: educação, divisão social do trabalho, Weber, Marx, Durkheim

Education and its impact on the social division of labor

Abstract: Karl Max, one of the greatest thinkers of all time, has an influence and reflective practice in education. Education was seen by Marx as a tool for maintenance and reproduction of a social structure that benefited from the little study and reflective capacity of the people, which he calls the proletariat. The social division of labor has been studied throughout history as the subject of further consideration of sociology, the time from which the individual as a social actor stands out from the group analysis indifferent, going to be analyzed as a person inter-relational. Émile Durkheim, Karl Marx and Max Weber saw the modern era in a state of crisis and begin to analyze it from different perspectives. For both Marx and Durkheim to the modern era despite turbulent, presented the perspective of social development. For Durkheim, the subsequent expansion of industrialism trigger a harmonious social life through the juxtaposition of the social division of labor and of moral individualism. Marx saw class struggle as a problem, but believed in the emergence of a social system more just and more humane. Already Weber saw a paradoxical world in which the emergence of

progress stemmed from the expansion of bureaucracy that stifled creativity and individual autonomy.

Keywords: education, social division of labor, Weber, Marx, Durkheim

Introdução

Durkheim, Karl Max e Max Weber são os grandes autores da história sociológica que dedicaram à análise a sociedade moderna. Os autores apresentam peculiaridades em seus estudos, sendo que, às vezes, apresentam com pontos de convergência entre eles. Parte dos estudos destes grandes autores da modernidade foi dedicada à divisão social do trabalho e suas implicações na vida dos grupos sociais. Tanto Marx quanto Durkheim se valem da natureza histórica e sociológica do homem. Fazem, inclusive, “uma separação explícita e decisiva entre suas posições e a da filosofia abstrata, que ignora a história” (GIDDENS, 1989, p.302). A análise científica de Marx é associada à ação prática de modo que o homem tenha conhecimento da realidade e do poder e seja capaz de construir uma ordem social. Weber, em sua análise, também leva em consideração o aspecto histórico e sociológico, mas alia-se a isto, conhecimento empírico e ação orientada por juízo de valor. Marx criticou a escola de seu tempo, apontando-a como instrumento de dominação ideológica da burguesia. Para ele, uma educação integral deveria ser destinada a todas as crianças e jovens sem distinção de classe social, possibilitando-lhes conhecer tanto as ciências quanto as atividades produtivas.

1.A análise sociológica de Émile Durkheim

A obra *Da divisão do trabalho social*, escrita por Durkheim em 1893, aborda a relação entre indivíduos e a coletividade demonstrando como pode a sociedade se constituir de uma junção de indivíduos e como se chega à condição de existência social consensual. Para tanto, distingue duas formas de solidariedade, a mecânica e a orgânica.

A solidariedade mecânica é aquela em que os indivíduos não têm consciência da sua individualidade, por isto diferem pouco uns dos outros. “Membros de uma mesma

coletividade, eles se assemelham porque tem os mesmos sentimentos, os mesmos valores, reconhecem os mesmos objetos como sagrados” (ARON, 1995, p. 297). Como não se diferenciam o senso coletivo manifesta-se mais fortemente. É exemplo a sociedade primitiva em que o indivíduo, por se assemelharem, não é reconhecido individualmente. Já a sociedade orgânica, em oposição à mecânica, é aquela em que os indivíduos não se assemelham, são diferentes, e esta diferenciação constitui um todo, uma unidade coerente da coletividade, um consenso.

A sociedade baseada na solidariedade orgânica, segundo Durkheim, o indivíduo se assemelha a um órgão de um ser vivo, cada um exercendo uma função própria, e embora não se pareçam uns com os outros, todos são igualmente indispensáveis à vida. Consequência disso é a conclusão de que o indivíduo não vem antes da sociedade, este decorre do desenvolvimento histórico. Primeiramente surge a sociedade, cada indivíduo é o que os outros são, os sentimentos são comuns a todos. A desarticulação da sociedade por solidariedade mecânica é que dá origem a sociedade por solidariedade orgânica. Desta sorte, a diferenciação das profissões e a multiplicidade de atividades industriais surgem da desintegração da solidariedade mecânica.

Segundo Aron o primado da sociedade sobre o indivíduo tem dois sentidos: a prioridade histórica e a prioridade lógica. Há uma prioridade histórica das sociedades em que os indivíduos se assemelham uns aos outros, constituindo o todo, sobre a sociedade em que os indivíduos adquirem ao mesmo tempo consciência de responsabilidade e capacidade de exprimir esta responsabilidade. Da prioridade lógica chega-se a conclusão de que se a solidariedade mecânica precedeu à solidariedade orgânica, não é possível explicar os fenômenos da diferenciação social e da solidariedade orgânica a partir dos indivíduos (ARON, 1995, p.301).

Dizer que os homens dividiram o trabalho e atribuíram uma ocupação específica a cada um para aumentar a eficácia do rendimento coletivo é admitir que os indivíduos são diferentes uns dos outros, e conscientes dessa diferença, antes da diferenciação social. Com efeito, a consciência da individualidade não podia existir antes da solidariedade orgânica e da divisão social do trabalho. (ARON, 1995, p.302)

Durkheim parte do pressuposto que o egoísmo radica a estrutura biológica do organismo individual e que este é também produto da sociedade, o que constitui uma

ameaça grave tendo por consequência o estado de anomia (ausência ou desintegração das normas sociais).

Daí a análise do que Durkheim aponta como o principal problema da sociedade moderna: a relação entre o indivíduo e o grupo. Uma vez que o indivíduo se tornou consciente de si mesmo passou a ter dificuldade para aceitar todos os imperativos sociais sem questionamento, e o indivíduo pode exigir mais da sociedade do que esta pode lhe dar. O individualismo desejável pode tornar-se ameaçador, daí a necessidade de um poder disciplinador. A integração dos indivíduos na sociedade seria feita, então, através da organização de grupos profissionais.

A preocupação de Durkheim em relação ao processo da divisão do trabalho está relacionada às consequências da especialização que pode significar um sintoma das deficiências da coordenação moral dos vários grupos profissionais. Reconhece o autor o caráter alienante do processo da divisão do trabalho moderno, que dá de modo repetitivo e de forma monótona sem que o trabalhador se interesse por ele e sem que o compreenda. Para ele, a desumanização do trabalhador não decorre da divisão do trabalho em si, da sua fragmentação, mas sim da posição moral anômica do trabalhador. Significa com isto que a causa dessa posição anômica do trabalhador deriva do fato de este realizar uma tarefa especializada sem a noção clara da unidade de propósitos entre sua atividade e o esforço produtivo coletivo. Tal situação poderá ser remediada ao fazer com que o trabalhador deixe de ser um autômato impensante para se tornar parte útil no todo orgânico através do esclarecimento do indivíduo de sua importância social no papel que desempenha na divisão do trabalho.

Só através da aceitação moral das funções específicas que lhe competem no interior da divisão do trabalho é que o indivíduo poderá alcançar um elevado grau de autonomia como ser autoconsciente e poderá escapar, de um lado, à tirania da conformidade moral rígida que as sociedades indiferenciadas impõem e, por outro lado, à tirania dos desejos irrealizáveis. (DURKHEIM, 1995, p. 308)

A educação para Durkheim não é elemento transformador, uma vez que serve se mecanismo de reprodução do fato social. Aquele que não se comporta conforme o socialmente desejável é considerado anômico e precisa se adequar aos valores sociais vigentes. Na sua visão o homem é egoísta e necessita ser preparado para conviver socialmente sendo função da família, da escola e da universidade, dentre outras instituições, o exercício desta função.

É fato social toda maneira de agir fixa ou não, suscetível de exercer sobre o indivíduo uma coerção exterior; ou então ainda, que é geral na extensão de uma sociedade dada, apresentado uma existência própria, independentemente das manifestações individuais que se possa ter. (DURKHEIM, 1978, p. 11)

A educação como fato social que é, se impõe coercitivamente – como acontece com as demais regras de conduta – fazendo com que haja integração entre o indivíduo na sociedade e conseqüentemente uma identificação do indivíduo com a sociedade. Na visão de Durkheim a educação consiste em habituar os indivíduos a uma disciplina, a qual deve ter, e não pode deixar de ter, um caráter autoritário. Assim, formar os indivíduos, tendo em vista a integração na sociedade, é torná-los conscientes das normas que devem orientar a conduta de cada um e do valor imanente e transcendente das coletividades que cada homem pertence ou deverá pertencer.

Ressalte-se que o processo de transformação da sociedade capitalista caracterizada pela crise econômica de 1870 e a preparação dos Estados para primeira guerra mundial influenciaram as reflexões de Durkheim e daí a sua preocupação com o futuro da humanidade.

Émile Durkheim não era um otimista tal qual Auguste Comte. As marcas da grande crise do capitalismo em sua fase concorrencial de 1870 [...] estavam presentes em suas reflexões. Da mesma forma, os alicerces da Primeira Grande Guerra Mundial construídos no final do século XIX e início do XX, guerra que custaria a vida de seu filho e indiretamente a sua, eram entendidas como sinônimas de desagregação e ausência de moral. A aproximação com os pressupostos kantianos voltados à moral e, principalmente, ao ordenamento social, se baseava nesse contexto (LUCENA, 2010, p. 296).

Para ele o indivíduo vivia em profunda crise moral, e, sendo egoísta por natureza, necessita ser disciplinado.

2.A divisão social do trabalho em Karl Max

Por outro lado, Karl Marx ao fazer uma análise da sociedade burguesa, não acredita que a solução seja a integração moral do indivíduo perante as conseqüências da divisão social do trabalho. Na sociedade onde há uma diferenciação na divisão social do trabalho e cuja coesão se baseie em normas morais que obrigam o indivíduo não há verdadeira liberdade. Por isto Marx propõe a dissolução efetiva da divisão do trabalho

transcendendo para uma nova ordem social e econômica. Veja-se que ambos os autores reconhecem as consequências danosas da especialização da divisão social do trabalho, sendo que Durkheim vale-se da expressão anomia e Marx da alienação. Segundo este último, a posição egoísta do indivíduo perante a sociedade não advém do caráter psicológico ou outro qualquer, gerando um antagonismo entre indivíduo e sociedade. Pelo contrário, este antagonismo é fruto do próprio processo da divisão social do trabalho.

Marx apresenta em seus estudos duas formas de alienação permeadas no modo de produção do sistema capitalista: a alienação no processo de trabalho (atividade produtiva do trabalhador) e alienação do trabalhador em relação ao produto de seu trabalho. O primeiro tipo de alienação é a que decorre da especialização profissional, fragmentadora da atividade produtiva e geradora de tarefas enfadonhas e rotineiras.

A superação da alienação de mercado através de uma reorganização revolucionária da sociedade terá como resultado uma reversão dos efeitos de fragmentação que caracterizam a especialização que, confinando as atividades dos indivíduos a execução de uma única tarefa, não lhe permite realizar no seu trabalho todas as suas capacidades e talentos (GIDDENS, 1989, p. 307).

Já o segundo tipo de alienação do trabalhador refere-se ao controle do produto de seu trabalho, ou seja, ao resultado do processo de trabalho uma vez que as relações de produção são engenhosamente desenvolvidas dentro de um sistema de classes em que uma classe é explorada e dominada por outra.

Para Marx a condição essencial para o aparecimento da sociedade burguesa foi a associação entre a divisão do trabalho, a constituição da empresa capitalista e a exploração do trabalhador e dos seus meios de produção. Propõe então, transcender a alienação através da abolição do capitalismo. Segundo Giddens, (1985, p. 311), nem Durkheim nem Weber negam a possibilidade de constituição de sociedades socialistas: ambos afirmam, porém que a transição para o socialismo não irá alterar radicalmente a forma das sociedades existentes.

3. A sociologia compreensiva de Max Weber a partir da ética protestante e seus reflexos na divisão social do trabalho.

O ponto de partida de Max Weber no estudo da divisão social do trabalho paralelamente ao estudo da sociologia da religião é que a partir da percepção global que envolve o ator e suas inter-relações questiona-se em que medida as concepções religiosas tem influenciado e quais consequências disso nos comportamentos econômicos. Neste aspecto, o objeto de estudo de Weber não era o capitalismo como sistema econômico ou modo de produção, mas sim analisar o capitalismo enquanto comportamento, enquanto modo de vida e que está impregnada na cultura ocidental. Constata que a religião de certo modo, é fator de estratificação social e mais, que há uma correlação entre os maiores detentores de capital e empresas, bem como de fornecedores de mão de obra qualificada por parte dos protestantes, percentual muito acima do que verificado em outras religiões.

[...] em quase toda parte onde o desenvolvimento do capitalismo (na época de sua expansão) esteve com as mãos livres para redistribuir a população em camadas sociais e profissionais em função de suas necessidades – e quanto mais assim se deu, tanto mais nitidamente esse fenômeno aparece estampado em número de estatística religiosa (WEBER, 2004, p.29).

Weber verificou que nas regiões da Alemanha onde há predomínio de protestantes, estes detêm uma porcentagem maior de riqueza e de posições econômicas mais importantes do que o visto proporcionalmente em outros grupos religiosos. Este aspecto é mais acentuado uns grupos protestantes mais do outros, especialmente os protestantes calvinistas.

Segundo Aron (1995, p.496) não se trata de um determinismo econômico através da ingerência religiosa, (Sê calvinista, sê abastado), mas demonstra que a concepção religiosa exerce influencia no modo como homens e grupos se comportam e sobre a orientação que dão a sua atividade.

Há uma simbiose entre o espírito de certo protestantismo e a ética capitalista, de forma que a conduta do protestante se adéqua perfeitamente à lógica capitalista de sempre acumular, sem indagar em que medida o acúmulo ou não acúmulo associado ao trabalho conduz a felicidade. Há neste aspecto certa racionalidade cultural. Mesmo o grande empresário que poderia o resto da vida bem viver com sua fortuna sente-se obrigado moralmente a permanecer dedicado ao trabalho. Há, então, afinidade espiritual

entre uma determinada visão de mundo e certa maneira de praticar a atividade econômica.

Para o calvinismo, existe um Deus transcendente, que governa o mundo e que predestinou a cada um dos indivíduos à condenação ou à salvação, independente da conduta dos mortais. E todos devem trabalhar para a glória de Deus aqui na terra. Assim, o calvinista não poderá saber se será condenado ou se será salvo, mas tem esperança na salvação por isso se comporta conforme a vontade de Deus. Segundo Weber, o sucesso econômico sugere que foi escolhido por Deus e o indivíduo se envolve diuturnamente no trabalho para vencer a angústia de não saber se é o escolhido de Deus.

A ética protestante convida o crente a desconfiar dos bens deste mundo e adotar um comportamento acético. Ora, trabalhar racionalmente tendo em vista o lucro, e não gasta-lo, é por excelência uma conduta capitalista, sinônimo de reinvestimento contínuo do lucro não consumido. É aí que aparece, com clareza, a afinidade espiritual entre uma atitude protestante e a atitude capitalista. (ARON, 1985, p.500)

Com Lutero, já se nota uma concepção diferenciada em relação à idade média: '[...] valorização do cumprimento do dever no seio das profissões mundanas como o mais excelso conteúdo que a auto realização moral é capaz de assumir' (WEBER, 2004, p.72). A reforma encontrou uma maneira de intervir nas relações sociais uma vez que antes dela predominava a ação de indivíduos para indivíduos que estavam ligados por uma dinâmica própria e não por uma questão transcendente. Criaram-se novos valores como sobriedade do protestante (não comprar mais do que pode), a importância de se ter crédito e este advém com o honrar os compromissos financeiros, e o principal deles: glorificar a Deus é trabalhar. Deste último decorre dentre outras, a ideia de que a preguiça é um grande pecado - havendo prescrição de até quantas horas deve-se dormir -, e que o trabalho liga o homem aos outros, a exemplo do som do martelo que é percebido pelos outros indivíduos como sinal de homem digno. Para Calvino a pobreza é importante porque através dela haverá o louvor a Deus pelo trabalho.

Em que pese às afirmações de que Weber tentou afastar o materialismo histórico e explicar o comportamento econômico pela religião, ao invés de incluí-la como integrante da superestrutura da sociedade (a infraestrutura são os meios de produção), Weber não se contrapõe a Marx, só analisa o comportamento econômico por outro viés.

Para ele, em qualquer que seja a sociedade, a conduta humana deve ser analisada a partir de um todo, dentro do quando geral de concepção que esses homens têm da existência. Segundo Aron (1995, p. 491) os dogmas religiosos e sua interpretação fazem parte desta compreensão de mundo, por isso é preciso entendê-los para compreender a conduta dos indivíduos e dos grupos, especialmente o comportamento econômico.

O capitalismo, segundo Weber, é definido pela existência de empresas que objetivam obter o maior lucro possível associada a uma organização racional do trabalho e da produção. Isto porque, em todas as sociedades sempre houve indivíduos ávidos por dinheiro, mas para satisfazê-lo o indivíduo age racionalmente, valendo-se da ciência, e não pela especulação ou aventura. O capitalismo se identifica não pelo lucro máximo, mas pelo desejo de acumular sempre, cada vez mais, impulsionando, por consequência, a vontade de produzir mais e de trabalhar mais. Neste sentido, burocracia é definida como a organização permanente da cooperação entre numerosos indivíduos, na qual cada um exerce uma função especializada. Na burocracia seus membros exercem função profissional individualizada, distinta da vida familiar. Além disso, a todos que trabalham na organização é assegurado uma remuneração determinada, conforme certas normas, motivo pelo qual o burocrata deve ter recursos próprios.

Lembra Aron (1995, p.495) que o pensamento de Weber se assemelha ao de Marx quando afirma que a essência do capitalismo é busca pelo lucro por meio do mercado, que os proprietários dos meios de produção se valem do aluguel da força de trabalho de trabalhadores juridicamente livres e ainda, que a empresa capitalista moderna se vale cada vez mais de instrumentos poderosos renovando suas técnicas constantemente no sentido de alcançar lucros suplementares. No entanto, distingue-se Marx porque para ele a principal característica do capitalismo moderno é a racionalização burocrática. Assim, não via importância na luta de classes como meio de transformação da sociedade moderna como também ao antagonismo trabalhadores e proprietários.

Ressalta Schluchter (2000, p.237) que poderia haver na idade média um fundamento jurídico para o trabalho, mas não havia uma ética para o trabalho, esta foi introduzida pela reforma com fundamentos éticos coerentes.

As atividades humanas, à semelhança de alguns itens auto reprodutores da natureza, são recursivas. Quer dizer, elas são criadas por atores

sociais, mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam *como* atores. (GIDDENS, 1989, p.02)

Ressalta-se que Weber não elaborou uma teoria da educação, motivo pelo qual os seus estudos no âmbito da teoria sociológica da educação não ganharam muita importância. No entanto o autor, ao buscar compreender a dinâmica da reprodução do modo capitalista demonstra como o indivíduo é socialmente educado para se comportar de acordo com a dinâmica capitalista.

Conclusão

Na perspectiva de Durkheim o indivíduo vive em profunda crise moral, e, sendo egoísta por natureza, necessita ser disciplinado. A vontade individual deve ser substituída pela vontade geral e a educação é o mecanismo disciplinador e controlador do indivíduo, tornando preparado para convívio social.

Para Marx, o processo de divisão social do trabalho aliena o trabalhador e este modelo não surge ao acaso: é resultado de uma educação como modo reprodução do capitalismo.

Adepto da teoria compreensiva, Weber está preocupado com o sentido, com a subjetividade e não com processo. A análise da categoria trabalho é na perspectiva de que exploração física que dignifica moralmente o homem é causa adequada para o capitalismo.

Os três autores viam no trabalho industrial em decorrência do capitalismo como mecanismo de submissão dos seres humanos a um labor repetitivo e maçante, ao qual foram previamente educados e qual tendem a reproduzir.

Referências:

ARON, Raimond. *Etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

DURKHEIM, Émile. *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1952.

ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Rio de Janeiro, JZH, 1987.

GIDDENS, Antony. *Capitalismo e moderna teoria social*. Lisboa, 1989.

LUCENA Carlos. O pensamento educacional de Émile Durkheim. *Revista HISTEDBR On-line*. Campinas, n.40, p. 295-305, dez.2010 - ISSN: 1676-2584

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Hucitec, 1993.

_____. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. 5.ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987, v.01

POLANYI, Karl. *A grande transformação: as origens de nossa época*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber*. São Paulo: editora Unesp, 2000.

WEBER, Max. *A ética protestante e o "espírito" do capitalismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.